A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira — SEMANARIO REPUBLICANO — N.º 47 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8 — Guimarães, 21 de Março de 1925 — Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34 «MINERVA RIBEIRO» — Guimarães

REPUBLICANIZAR

Republicano tem de ser e é sinónimo de patriota. Não é bom republicano o que não sabe ser bom cidadão e não é bom cidadão o que acima de tudo não põe a ideia da pátria. Ainda nenhum apostolo da Republica deixou de prégar estes principios, que são fundamentais e, por isso mesmo, indispensaveis aos povos que para forma de govêrno escolhem o regime republicano. Formar o cidadão é, pois, o primeiro passo a dar para a republicanização do país.

A evolução politica e social a que a humanidade obedece, essa mesma evolução que condenou a escravatura e acabou com o «cliente» na velha acepção do termo, é segura garantia de que ao vassalo medieval e ao subdito dos nossos dias há-de suceder o homem livre, consciente, o homem cidadão, o homem irmão do homem, enfim. Se é uma verdade que o homem caminha para a *perfeição*, se é verdade que aspiramos a tornarmo-nos dia a dia melhores, é consequentemente admissivel que procuremos essa *melhoria* não só neste ou naquele campo, mas em todos os campos e no politico e no social especialmente, onde, por esforços constantes e repetidos sacrificios, a humanidade tem em todos os tempos manifestado a sua tendencia para avançar, para progredir, como se a emancipação politica do individuo fôsse necessária ou, melhor, indispensavel á realização das suas tendencias progressivas.

E' isto o que se vê e que os factos não negam, por mais que os deformem interesses feridos, por mais que os deturpem preconceitos estupidos. A evolução é uma lei e sê-lo-há enquanto o homem existir, porque com o homem vive irrefutavel o desejo de progredir, a ânsia de aperfeiçoar. Haverá ainda hoje quem o negue? Saber conduzir esse desejo, que, por vezes irrompe tumultuariamente, saber orientar essa ânsia, que por vezes se manifesta incoerente e brutal, é função de todos os que, sem paixões nem preconceitos, pensam numa sociedade melhor, num futuro melhor, com leis equitativas por base, leis que sejam a um tempo regras de Justiça e preceitos de moral.

Não é uma utopia, não. Quem diria que o servo da gleba se extinguiria? Porque condenamos nós as leis que no oriente jungem á infamia o pária e o escravo?

Utopia, não. Moloch já não existe, e, contudo, como deus que foi, julgou-se eterno. E foi a mesma humanidade que o criou, quem o desterrou. Em nome de quê? Não é uma utopia. Longe ainda, muito longe, talvez, dessa era de paz, apenas; mas, o que é certo é que já vamos bem distantes dos tempos remotos do ilota e dos tiranos; o que é inegavel é que cada vez nos aproximamos mais dessa era, á qual chegaremos tanto mais depressa, quanto mais rapidamente soubermos fazer do vassalo de ontem o cidadão de amanhã.

DÓRIO.

PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

A Comissão Municipal Republicana de Guimarães convoca, por este meio, para o próximo dia 22 de Março, (amanhã, domingo), os cidadãos, deste concelho, que satisfaçam ao disposto na ultima parte do artigo 14.º da Lei Orgânica, a fim de elegerem a Comissão Municipal e comissões paroquiais que, por motivo justificado, se não elegeram no primeiro domingo de Dezembro passado.

A assembleia eleitoral constituir-se-á na sede do Centro Republicano de Guimarães, pelas 10 horas.

Guimarães, 9 de Março de 1925.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

OS JUDEUS

Hoje é dificilimo encontrar-se a *vera efigie* de um judeu dos velhos tempos; são raros os exemplares dos judeus contemporaneos do Nazareno e esses mesmo vivem vida tão recatada que só em certos dias do ano se logra pôr-lhes a vista em cima. Ou porque os confunda o remorso do seu crime, ou porque, como o sr. dr. Brito Camacho, se julguem fora do seu tempo, os judeus dessas eras remotas escondem-se debaixo dos altares ou em qualquer recanto esconso das sacristias, preferindo á luz cantante e vivificadora do bom sol, a luz triste e dolorosa dos cirios. Hoje, os judeus, que o povo crendeiro aponta como assassinos de Jesus, vivem nas igrejas, lado a lado com a sua vítima, como se a ânsia da eternidade os agrilhoasse á cruz que há vinte séculos levantaram no Calvario. Onde houver uma cruz, lá estão os judeus. A cruz anda, desloca-se, o judeu move-se, segue-a; a cruz ganha teias de aranha, o judeu ganha-as tambem.

E' disto não arredam os ultimos representantes da raça errante, tronco dos lendarios *rabis*, dos *juizes* vingadores e dos profetas terriveis; ninguém os faz sair disto, alheios a tudo que não seja espreitar a cruz, cordas na mão, pregos á cabeça, sempre as mesmas cordas e os mesmos pregos, sempre os mesmos judeus e a mesma cruz. Ninguem os tira disto, ou antes, ninguem os tirava disto. Este ano o caso mudou de figura. Sim, senhores. Contra o costume, contra toda a espectativa, os judeus este ano largaram as cordas e os pregos, e, muito surrateiramente, pela calada da noite abandonaram o velho posto. Foi pelo carnaval e houve quem os visse. Não estavam todos. Dizem até que só estavam os da igreja do Campo da Feira.

Não sei, não os vi. Mas lá que eram judeus, isso é que é inegavel, dada a qualidade e quantidade das testemunhas de vista. Eram judeus e foram ao baile. E' verdade. Ao baile, um baile de carnaval com serpentinas á moderna, com tudo á moderna. E nem de roupa mudaram, os pandegos; foram assim, tal qual a gente os vê nas igrejas, ao lado da cruz. Em nome do Padre, do Filho... Bem se diz que os tempos mudaram. Quem diria que aqueles judeus que parece terem nos pés a tarracha que S. Jorge tem noutro lugar, quem diria que havia de vir tempo de os vermos a passear por essas ruas e a assistir a bailes carnavalescos...

Pois, é verdade, andaram á solta os judeus do Campo da Feira, os mesmos judeus que lá vêmos agora, cordas na mão, pregos á cabeça, mudos e quêdos, como se tivessem nos pés a tarracha que S. Jorge tem noutro sitio. Mas que grandes judeus!...

P. P.

AS BODAS DE PRATA DA ASSOCIAÇÃO DOS E. DE COMERCIO

Como haviamos anunciado, decorreram brilhantes as festas da comemoração das bodas de prata da Associação dos Empregados de Comercio, desta cidade.

No dia 4, em homenagem aos fundadores desta agremiação, realizou-se um espectaculo no teatro D. Afonso Henriques e cuja critica fazemos em outro lugar.

No dia 8, pelas 11 horas, foi resada uma missa de sufragio por alma dos socios falecidos.

A's 16 horas, na séde desta Associação de Classe, efectuou-se uma sessão solene a que presidiu o Ex.mo Snr. Francisco Martins, como o socio mais velho, secretariado pelos senhores Antonio Henrique dos Santos, Domingos Marques, Camilo Laranjeiro dos Reis e Antonio F. d'Oliveira.

Falou em primeiro lugar o sr. Francisco Martins que agradeceu penhorado a gentilesa do convite e congratulou-se por vêr que a obra encetada pelos fundadores daquela casa perduravа ainda, obra que pertencia, não a estes, mas sim aos seus sucessores.

Usou da palavra, em seguida, o sr. Antonio d'Almeida, como ex-presidente daquela colectividade que, num bem cuidado discurso, relatou todas as fases atravessadas por aquela associação, historiando o quanto de util e de proveitoso fizeram os fundadores em prol da classe dos Caixeiros. Falaram ainda os srs. Manuel d'Oliveira e Castro, Camilo Laranjeiro dos Reis e Cipriano Baptista, actual presidente daquela casa. Todos os oradores foram muito aplaudidos. De seguida visitaram os fundadores as dependencias da casa, continuando as manifestações em sua honra.

A' noite, no Grande Hotel do Toural, foi lhes oferecido um jantar, vendo nós, entre outros convidados, os snrs. José Salgado, José de Pina, Capitão Pina, P.e Gaspar Roriz, Jerónimo Sampaio, José Roriz, representando o «Jornal de Noticias», João de Deus Pereira, representando o «Primeiro de Janeiro», Paulino de Magalhães, Antonio d'Almeida, Manuel Fernandes d'Oliveira e Castro, Domingos Braga e outros.

Ao *toast* brindaram os senhores: Antonio d'Almeida, P.e Gaspar Roriz, Jerónimo Sampaio, José Luiz de Pina, Capitão Pina, João de Deus Pereira, Francisco Martins, Cipriano Baptista, José Roriz, Andrade, enaltecendo todos a obra iniciada pelos fundadores e fazendo votos pelas prosperidades da Associação.

Antes de terminar o jantar, o rev. Gaspar Roriz fez um apêlo aos caixeiros, estimulando-os a tomarem a iniciativa de concluir o monumento que perpectuara o feito dos aviadores G. Coutinho e Sacadura Cabral, a erigir no monte da Penha. Entusiásticamente acolhido o alvitre, ali mesmo ficou nomeada a Comissão sob a presidencia de Manuel Fernandes d'Oliveira e Castro.

Oxalá as entidades oficiais auxiliem os briosos empregados de comercio, evitando que continuemos a maldizer da sorte de qualquer projecto.

Um sexteto sob a regencia do sr. José Guise, executou alguns trechos de musica. Um grupo de caixeiros, á frente dos quais se encontrava Emilio J. dos Reis, entregou um lindo bouquet ao sr. Francisco Martins.

Em tudo se notou solidariedade, provando esta festa que os patrões e os empregados caminham de mãos dadas na estrada da vida. Consola vêr a união que entre estas duas classes existe (demais a mais num momento em que a desconjunção parece querer subverter a humanidade), o carinho que tanto superiores como inferiores tributam entre si, banidos os preconceitos autoritarios dos séculos passados.

Bela festa!

DECLARAÇÃO

Manuel de Freitas, fabricante de garfos de ferro e cutelarias, morador em Sande, Caldas das Taipas, torna publico que nada tem com a firma Freitas & C.ª ou Antonio de Freitas & Filho, da mesma localidade.

Que o seu negocio gira sob a firma comercial de «Manuel de Freitas Junior».

Sande, Caldas das Taipas, 9 de Março de 1925.

Manuel de Freitas.

Lêde e propagai

"A RAZÃO,,

Semanário republicano.

Comemorações diversas

: O 9 de Março e a conferencia do : :: Ex.mo Sr. Dr. Gomes Teixeira :: ::: O 12 de Março e o R. I. n.º 20 :::

Realizou-se com todo o brilho a costumada sessão solene, na Sociedade Martins Sarmento, para a distribuição de prémios aos alunos das escolas do concelho.

Pelas 12 horas, o ilustre Presidente da Sociedade convidou a presidir á sessão o ilustre reitor do Liceu, Dr. Soares de Oliveira. O sr. dr. Eduardo d'Almeida leu então uma brilhante oração de incitamento ao professorado do concelho, procedendo-se em seguida à distribuição de prémios.

Finda esta cerimonia, usaram ainda da palavra os Ex.mos Srs. Tenentes Guedes Gomes e Presidente da Academia Vimaranense, que foram muito aplaudidos, especialmente o primeiro devido à beleza do seu discurso e inflamado patriotismo com que sempre o coloriu.

—A' noite realizou-se, no salão nobre desta Sociedade, a conferencia do eminente sabio e ilustre professor, Ex.mo Snr. Dr. Gomes Teixeira, subordinada ao têma «Monte Branco, o Etna e o grande S. Bernardo—Impressões de Viagem».

Fez a apresentação do conferente o sr. Presidente da Sociedade que, endiecendo as qualidades de caracter e inteligencia do grande Sabio português, lhe ofereceu um diploma elevando o à categoria de socio honorario da Sociedade Martins Sarmento.

O sr. dr. Gomes Teixeira agradeceu, penhorado a oferta, as palavras sinceras que Eduardo d'Almeida lhe dirigira e entrando verdadeiramente no assunto da conferencia, começou a descrever as suas impressões de viagens, curiosas e interessantes nas variadas e primorosas narrativas, em linguagem simples mas cheia de encanto e de sinceridade. Prendeu a assistencia e soube decorar, com eloquencia, os panoramas que as suas retinas fixaram.

* * *

No Quartel do Regimento de Infantaria n.º 20, comemorou-se o 7.º aniversario do combate de 12 de Março travado entre o 1.º Batalhão do 20, na Flandres, e os alemães. Festa intima, decorreu brilhante, havendo variados numeros de ginastica pelos recrutas sob o comando do snr. Tenente Gervasio Martins Campos de Carvalho.

Assistiram, além do ilustre comandante, sr. Coronel Costa, todos os oficiais deste regimento e antes destes exercicios houve uma formatura geral e uma conferencia alusiva pelo Tenente Braga.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Realizou-se no passado dia 9 a educativa Festa da distribuição dos prémios ás crianças das escolas primárias, no salão nobre da benemérita Sociedade Martins Sarmento. Festa sugestiva e encantadora, como sempre!

Abriu a sessão o sr. dr. Eduardo de Almeida, proferindo uma bela alocução de alto valor literário e pedagógico.

Eduardo de Almeida é um autentico valor da nossa Terra e até do nosso País. Os discursos que lhe temos ouvido são verdadeiros ramalhetes de flores, as mais puras, variadas e mimosas, discursos que sugestionam e encantam o auditório, já pela beleza literária, já pela justeza dos conceitos, já pela correcção da dicção, revelando-se em tudo estudioso, inteligente e erudito.

Pena é que a Direcção daquela Sociedade não seja só formada de intelectuais.

Pena é também que, ao tratar-se de uma Festa dedicada ás escolas primárias, se não deseje a opinião ou mesmo a colaboração de quem podia guiar a sua execução prática, de forma a serem evitados uns pequenos senões que têem arreliado e desgostado vários professores. Por isso a concorrencia tem diminuido. Seria lógico e natural que se ouvisse ao menos o parecer de um professor da sede. Todos lucrariam...

Foi convidado a falar na sessão solene o sr. Tenente Guedes Gomes que produziu um belo discurso patriótico e de levantada forma literária, e primorosamente apresentado, com clareza e convicção. S. Ex.ª é já conhecido como orador fluente e sugestivo.

Falou por fim o Presidente da Academia, produzindo um pequeno discurso bem adquado ao acto e bem apresentado, mostrando se á altura do lugar onde falou. Manifestou-se mais uma vez rapaz de talento que certamente dará que falar de si no nosso meio literário

Alguns prémios pecuniários constituiram verdadeiras esmolas, tal a pobreza das crianças escolhidas para os receberem.

—O prémio do sr. Simão Costa coube ao professor de Viseu, sr. Aurélio Mendes, que no ano findo obteve 21 aprovações nos exames da 4.ª e 5.ª classes.

O sr. Mendes mandou entregá-lo á Cantina Escolar Vimaranense. São 50$00 que vão mitigar a fome a algumas crianças, bem dignas, na verdade, de todo o auxilio.

—Foi distribuido como prémio da Sociedade um livro do sr. dr. Eduardo de Almeida, bastando citar o autor para se avaliar do merecimento do livro. Todavia, para prémios de crianças das escolas primárias, não foi bem escolhido, porque não sabem lê-lo. Como poderão elas ler prosa de documentos desde o século XII, que nem os professores lhes saberão explicar?!

—Brevemente estará em pagamento o vencimento do mês de Fevereiro.

Teatros

— A morte de Angela Pinto —
: : : A récita dos Empregados : : :
— de Comércio —

A' hora em que nos propunhamos fazer a crinica da récita dos Empregados de Comércio, desta cidade, os jornais trouxeram-nos a dolorosa noticia da morte de Angela Pinto.

Um parentesis abrimos e, primeiro que qualquer referencia ao espectaculo realizado, enalteçamos a figura inconfundivel da scena portuguesa que a morte acaba de arrebatar, essa mulher que honrou a Pátria e glorificou o Teatro Português.

Angela Pinto foi o génio imortalizado pela mocidade, pelo teatro, pela loucura, pelo riso e pela alegria, a scentelha fulgurante que abriu em cada coração português a amisade, a estrela que alumiou muitas almas e guiou muitos espiritos; foi a comediante inimitavel da farça e opereta, da tragédia e drama, a artista irrepreensivel que a fatalidade atirou para a Miseria, e desta para o tumulo.

Morreu a Angela Pinto! Mas a gratidão do povo que ela estremeceu e amou, dar-lhe-há uma nova vida que perdurará sempre —a Eternidade.

Morreu a Angela! De longe a velaremos, abençoando a sua arte divina que a tornou querida de todos nós, espalhando sôbre a sua memória as flores da nossa saudade.

10—3—925.

* * *

Como havíamos anunciado, realizou-se a récita dos Empregados de Comércio, no teatro D. Afonso Henriques, desta cidade. Subiram á scena a comédia em 1 acto, «Casa de Babel» e a de costumes campestres «A Espadelada». A primeira comédia, antiquada, é uma scena da vida intima em que há um velho tio que deseja casar uma sobrinha, um criado que se apresenta por um anuncio e que é tomado pelo pretendente á mão da pequena, o verdadeiro pretendente e um inglês que a encontrou na rua e a acompanhou até á porta, convencido de que o *flirt* lhe seria... *propicio*. Uma vez todos em casa, o velho confunde-os com uma quadrilha de ladrões e há apitos e gritos de socorro, um civico que entra, e o desfiade de toda aquela embrulhada...

A interpretação foi harmonica, sobresaindo J. Cesar, no papel de John Wiliams, que se revelou um amador inteligente e de recursos; João d'Oliveira Matos no de «Procopio da Silveira»; D. Albertina de Almeida na «Rosita»; Americo Ferreira no «Bernabé», exagerando um bocadito; e Amadeu Coelho no «Policia».

—A comédia de costumes campestres «A Espadelada», baseia-se no amor que chora e no odio que enlouquece; um camponês que sente amargurado o seu coração; um *dandy* que se lhe atravessa no caminho e, servindo se da intriga, entontece uma rapariguinha inocente e crédula das suas palavras sentimentais e ardilosas; uma santa velha que procura abrir luz no espirito dos dois ex-namorados; e o velho contra-mestre de navio que, naquele momento desembarcado, consegue transformar o amor sexual em amor limpido e puro, tam puro como bom.

Da interpretação destacaremos em primeiro lugar a sr.ª D. Custodia Costa no papel de «Tereza»; Filipe Coelho revelou-se-nos um bom «José Borrasca» e sentiu tam bem o seu papel que nenhum profissional o faria melhor; Americo Ferreira, no «Tomás», soube captar o publico, o que lhe valeu uma salva de palmos na sétima scena; D. Idalina Pires, na «Joaquina», preocupou-se mais com a vaidade do que com o papel; J. Cesar, no «Ernesto», foi correcto; os coros foram sofriveis, apesar de haver lá muito mau ouvido.

O ensaiador, o snr. Jeronimo Sampaio, foi chamado ao palco sendo-lhe feita uma manifestação de aprêço.

*

E a propósito do nosso teatro é-nos grato levar ao conhecimento dos nossos leitores que ninguem fumou, durante o espectaculo, nem tampouco vimos no camarote de destaque, *gabinardos*, o que nos leva a crêr que não foram descabidos nem perdemos o tempo com os comentários aqui feitos a tal respeito.

Ainda bem que não são de todo despresadas as doutrinas de João Felix e as de D. Maria Amália Vaz de Carvalho...

Ainda bem.

E ainda a propósito do mesmo teatro, vamos levar ao conhecimento do publico uma nova que decerto não lhes desagrada:

Os empregados daquela casa de espectaculo vão ser uniformisados, isto é, vão ter uma roupa nova, e assim, jamais tornaremos a presenciar o triste e misero «á vontade» que vinham exibindo aqueles que ali fazem serviço, cujas *toilettes* e até maneiras muito e muito deixavam a desejar...

Uns, nem gravata tinham e outros, apresentavam se, em plena plateia, de capote e chapeu á tiroleza, como se não bastasse já os seus modos irritantes e *o seu olhar irado e não fecundo*, ameaçando os espectadores, o céu, a terra e a *verdura*... do mundo.

Mas, vão ter um fardamento os empregados do teatro?!

Diz-se, mas nós não acreditamos. Ja sabemos em que terra vivemos e os teatros que possuimos que deixam a *perder de vista* o teatro de Braga, o teatro de Fafe, o teatro de Felgueiras, o teatro de Santo Tirso, o teatro de Vila Nova, e até—ó vergonha das vergonhas!—os teatros-cinemas de Vizela e de Riba d'Ave! —ó senhores de dinheiro que andais por aí a deitar os bofes pela boca fora a propósito de bairrismo! ó vós para quem o engrandecimento e o progresso da nossa terra nada valem! ó vós que vos importais tanto com o embelezamento da nossa terra como os bois se importam com o embelezamento dos palácios!

E aquele *cheirinho*, do passado domingo?

Que perfume!... Que ópoponaxe!... QUE RELES!...

VENDE-SE

No dia 29 do corrente, pelas 11 horas, serão vendidos em hasta publica, na sacristia da antiga igreja de Santa Clara, um altar "Renascença,, e um arcaz (gavetões) de castanho.

Banco de Portugal

Agencia em Guimarães

Encontra-se em pagamento o dividendo do 2.º semestre de 1924, na razão de Esc. 28$00 por acção, que, sujeito ás deducções legais, será pago pelas seguintes importancias liquidas:

Acções nominativas:
Esc. 23$83 por acção.
Acções ao portador:
Esc. 22$86 por acção.

Guimarães, 2 de Março de 1925.

Pela Agencia do Banco de Portugal em Guimarães,

OS AGENTES:
Heitor S. Campos,
Antão de Lencastre.

Prevenção

Declaro que, desta data em diante, não me responsabiliso por dividas que sejam contraidas por quem quer que seja sem que eu ás mesmas assista.

Guimarães, 7 de Fevereiro de 1925.

José Luciano Guimarães.

Élitos de 30 dias

(1.ª Publicação)

No Juizo de Direito da comarca da Feira e cartório do quinto oficio, correm éditos de trinta dias, a contar da ultima publicação do respectivo anuncio, citando o interessado Pedro Esteves Cardoso de Menezes, solteiro, de maior idade, da Casa da Portela, da freguesia de S. Jorge de Selho, desta comarca, e auzente em parte incerta do Brazil, para assistir a todos os termos, até final, do inventario orfanológico por óbito de sua avó D. Brizida Varela Falcão Pinto Guedes (Condessa de Fijó), moradora que foi no lugar de Paçó, freguesia de S. João de Vez, da mesma comarca da Feira.

Guimarães, 5 de Março de 1925.

Verefiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,
Amadeu G. Guimarães.
O escrivão do 2.º oficio,
Serafim José Pereira Rodrigues.

Éditos de 30 dias

(2.ª Publicação)

No Juizo de Direito da comarca de E'vora e pelo cartório do escrivão do 2.º oficio, correm éditos de trinta dias, a contar da publicação do segundo e último anúncio, citando os herdeiros incertos que se julgarem com direito aos bens da falecida Maria Engrácia Fernandes, natural da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, desta cidade e residente que foi na rua da Mostardeira, da cidade de E'vora, para deduzirem a sua habilitação na segunda audiência depois de findar o praso dos éditos, e bem assim os credores incertos.

As audiências do referido Juizo tem lugar nas segundas e quintas-feiras, por onze horas, ou nos dias imediatos se aquêles forem feriados ou compreendidos em férias, no Tribunal Judicial á Praça de Sertório, da cidade de E'vora.

Guimarães, 19 de Fevereiro de 1925.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,
Amadeu G. Guimarães.
O escrivão do 2.º oficio,
Serafim José Pereira Rodrigues.

V. Ex.ª precisa comprar um serviço para jantar, chá ou lavatório?...

RECOMENDA-SE A

Antiga Loiçaria Rezende

DE

Manuel R. Ferreira da Costa

Rua da Assunção, 38 — PORTO.

"A Razão,,

Semanário Republicano

Ex.mo Snr.